



17:44

20 de Elul 5768
כ"ה אלול תשס"ח

19 de setembro 2008

כִּי תָבוֹא

Ki Tavó

Quando vieres



18:36

CABEÇA OU CAUDA

Ao tentar ingressar no mercado de trabalho, um jovem recém formado passa por uma verdadeira maratona de provas para conseguir uma vaga. São inúmeras entrevistas e desafios a serem superados para que, ao final, uns poucos sejam selecionados entre os muitos que participaram do processo.

Esta competitividade faz com que pessoas se preparem ao máximo para serem bem sucedidas. Mesmo quando bem colocadas, algumas pessoas sentem-se constantemente em ameaça, achando que há sempre alguém mais competente capaz de fazê-lo ser demitido a qualquer momento. Apesar disso, a vontade e a necessidade de permanecer à frente é uma constante na vida de todos, sejam eles jovens ou adultos.

Este anseio expressa-se durante o *Rosh Hashaná* nas bênçãos recitadas durante o jantar festivo. Entre os alimentos simbólico presente à mesa está a cabeça de peixe. Ao consumirmos um pedaço dela desejamos a todos e a nós próprios que “sejamos sempre a cabeça e nunca a cauda”. A origem desta bênção é citada nesta *parashá*. Entre as várias coisas boas que acontecerão ao povo quando forem obedientes ao Criador há o seguinte versículo: “E o Eterno te porá por cabeça, e não por cauda; e só estarás em cima, e nunca por baixo”. (Deu cap. XXVIII, v. 13)

Há várias interpretações para esta bênção. As duas mais clássicas dizem respeito as guerras, que sempre seremos dominadores e não dominados, e ao âmbito pessoal, que sempre seremos líderes e não seguidores.

O fato de este desejo integrar-se às importantes bênçãos bíblicas e ser introduzido em uma das ocasiões mais solenes do calendário judaico, o jantar de *Rosh Hashaná* demonstra a dimensão deste anseio. Entretanto, um cuidado deve ser tomado. Na grande vontade de querer ser sempre o líder, há uma armadilha. Ao invés de lutar por uma posição, em um ótimo lugar, a pessoa poderá satisfazer-se com a liderança entre pessoas medíocres, somente para manter um posto de comando. Como advertência para aqueles que, por ventura, queiram trilhar este caminho, a *Ética dos Pais* traz o seguinte ensinamento: “Seja a cauda entre os leões e não a cabeça entre raposas” (Cap. IV, Mishná 15)

Os sábios advertem sobre o perigo de acomodar-se num patamar abaixo do seu potencial somente para satisfazer o próprio ego. Neste caso, é melhor um cargo mais baixo entre pessoas mais capazes, que poderiam nos levar a um progresso intelectual, do que permanecer chefe, porém, rodeado por tontos que não trariam nenhuma contribuição intelectual ou espiritual.

Há ainda outro problema tão grave quanto o primeiro. O Talmud relata sobre a forma de reposição dos juizes do Sinédrio. À frente dos juizes desta corte, sentavam-se três fileiras de alunos em ordem decrescente de sabedoria. Na primeira fila sentavam os alunos mais sábios, sendo que o mais sábio entre eles ocupava o primeiro lugar da fileira e, da mesma

forma, eram ordenadas as fileiras adjacentes, em ordem decrescente de sabedoria e experiência. No caso de falecimento de um dos juizes, o primeiro aluno da primeira fileira era promovido a juiz e todos os outros se movimentavam ocupando suas novas posições. O texto descreve a reclamação de um dos alunos. Ele era o primeiro da fileira do meio e, após a promoção a juiz do mais sábio entre os alunos, passou a ser o último na primeira fileira, fato que lhe causou uma insatisfação: “antes eu ocupava o primeiro lugar na minha fileira e agora sou o último desta fila!” O sábio *Abaiei* aplicou o ensinamento da “Ética dos Pais” para aconselhar aquele aluno: “Seja a cauda entre leões e não a cabeça entre as raposas” (Tratado *Sahedrin* pág. fol. 37a).

Há, porém, uma estranheza nesta história. A insatisfação deste aluno pode parecer ilógica. O fato de ocupar o último lugar na primeira fileira indicava na verdade um progresso. Naquele momento, ele era o último entre os melhores e com chances aumentadas de, em breve, tornar-se um juiz da suprema corte.

Fica claro neste episódio como uma pessoa é capaz de estar na “cabeça” e mesmo assim não ter esta percepção. Este é um eterno insatisfeito. Seu problema é tão grave quanto o primeiro homem, que era líder das raposas achando-se chefe dos leões. Ele está entre os leões, mas tem eterna sensação de raposa.

Ser “cabeça” não significa necessariamente ser o chefe ou líder. Ser “cabeça” significa estar entre os bons e ter a consciência disto. O simples fato de estar entre as boas influências já é o suficiente para nos manter longe da “cauda”. Almejar sempre o progresso, em todas as áreas, é a principal característica de um “cabeça”. Ser líder é apenas uma consequência disso.

Quando evocamos em *Rosh Hashaná* a benção “sejamos sempre a cabeça e nunca a cauda”, está intrínseco nas palavras o desejo de sermos sempre pessoas que buscam o progresso e, principalmente, que consigam ter o pleno discernimento entre o que é ser capaz, mesmo não sendo o líder, e do que é ser um líder, porém, medíocre.

Na história talmúdica, fica patente que, quando a pessoa se deixa levar pelos brios, o cargo mais elevado pode parecer-lhe a “cauda”. O fato de ser um candidato ao Sinédrio seria motivo de real orgulho a qualquer pessoa. Porém, o lugar na fila mesmo assim o incomodava!

A maior benção para o início do ano é que a cauda não nos suba à cabeça para que a cabeça jamais se torne a cauda.

שבת שלום